

CONTALDO, Sílvia Maria de. Cor inquietum: uma leitura de Confissões. Porto Alegre: Letra e Vida, 2011.

Jacyntho Lins Brandão *

As Confissões e o “coração inquieto” a que se refere o título do livro são os de Agostinho de Hipona, a conjunção dos dois termos já dizendo muito sobre a leitura que Sílvia Maria de Contaldo faz desse clássico inquietante. Tratar uma obra de clássica pode servir a dois propósitos: um de consequências negativas, ao fechá-lo numa redoma, apresentando-o para mera veneração; outro, decididamente positivo, ao lançá-lo no fluxo incerto das temporalidades, buscando nele sentidos sempre renovados. Pode-se dizer que é este último propósito que se configura na presente obra, a qual se concentra em seguir os meandros da inquietude que fez de Agostinho o pensador e escritor que ele é.

Desde a introdução a autora estabelece com clareza o caminho que pretende seguir: sua intenção é estudar o “itinerário” de Agostinho em Confissões, entendida esta obra como um “manifesto do mundo interior” que “estimula, ou melhor, instiga a pesquisa que aponta explicitamente para o tema da interioridade, entendida não só como uma das dimensões da existência, mas também como projeto fundamental do ser humano” (CONTALDO, 2011, p. 25). Consideram-se assim várias dimensões que se entrelaçam: o relato memorialístico, a ideia de que se perfaz nele um percurso interior, a dimensão filosófica que se empresta a esse itinerário existencial e, finalmente, o entendimento do próprio ato de confessar-se como “uma conversão àquela Filosofia que é a um só tempo discurso e modo de vida” (CONTALDO, 2011, p. 31). Do projeto de leitura assim delineado surge de forma harmônica a estrutura da livro – que conta com apresentação do Prof. Luis Alberto de Boni –, compreendendo um primeiro capítulo, de caráter informativo, seguido de outros três dedicados à reflexão sobre o mundo interior, a filosofia e a conversão.

* Professor titular de Língua e Literatura Grega da FALE. UFMG.

O primeiro, intitulado “Um percurso”, situa a obra no tempo e na biografia do próprio Agostinho, ressaltando-se os passos que o levaram pela via percorrida – e narrada –, incluindo as referências que faz ele a seus antecessores intelectuais, isto é, os autores que ele confessa terem-no profundamente marcado: Virgílio, Cícero, Horácio, Sêneca, os êmulos de Platão, sobretudo Plotino, além de outros. Considerando esse pano de fundo, a autora esclarece que, em que pese os outros sentidos comuns que a palavra *confessio* apresentava, em Agostinho “confissão é o relato de uma vida cujos episódios revelam conquistas e tropeços, seja das experiências mais banais, cotidianas e comuns, seja expressão do mais íntimo e profundo que vai pelo coração do homem. Portanto, confissões e não confissão. Confissões e não conversão. Confissões de um coração inquieto.” (CONTALDO, 2011, p. 36)

Os outros três movimentos levam os significativos títulos de “Manifesto do mundo interior” (capítulo 2), “Homo philosophicus” (capítulo 3) e “Memorial da intimidade (capítulo 4). Neles, a autora recorre temáticas que se relacionam para mostrar como Confissões “não é apenas um livro de reminiscências” (CONTALDO, 2011, p. 66), mas responde a uma experiência de vida que se pode também considerar como um projeto de enfrentamento de questões filosóficas de primeira monta.

É certo que, de acordo com o fio mnemônico que estrutura a obra, está em cena o tempo passado, a narrativa de Agostinho dizendo respeito à época anterior a sua conversão, quando todavia já sentia ele o “coração inquieto” que lhe dará “o balizamento de sua radiografia interior” (CONTALDO, 2011, p. 49). Seu exercício será então o de buscar o que a autora denomina “via da interioridade”, onde encontra “seu coração, por dentro, dolorosamente inquieto” (CONTALDO, 2011, p. 52). Para entender o que provoca tal inquietude lança-se ele aos riscos de “ultrapassagem do plano contingencial e busca de repouso no âmbito da interioridade que, afinal, é abertura para o transcendente” (CONTALDO, 2011, p. 55).

Tal percurso necessita enfrentar o dilema das relações entre fé e razão. Isso porque, embora se trate de um movimento em certo grau apaixonado, já que do âmbito do coração, não se apresenta ele como um salto no escuro. O esforço de compreensão levado a cabo pela inteligência acaba sendo mesmo um pré-requisito para a fé, a qual então conduz a inteligência por caminhos que normalmente não lhe seriam franqueados. Num certo

sentido, pode-se dizer que a Agostinho interessa defender justamente a legitimidade do papel da inteligência não como antagonista, mas como colaboradora da fé. É ele próprio quem declara numa carta: “pode-se contemplar firmemente com a luz da razão o que já se admitia com a firmeza da fé (...), pois de modo algum Deus odiaria em nós aquilo em que nos criou melhores do que os outros seres dotados de alma” (CONTALDO, 2011, p. 96).

Não se trata, todavia, de fazer da inteligência uma serva, mas antes aquilo capaz de provocar a inquietude própria do coração de um filósofo. É essa inquietude, conclui a autora, que configura, nas Confissões, “um vivo exercício da razão, bem diverso de uma simplória tentativa de conciliação entre razão e fé” (p. 107), sendo isso que faz de Agostinho um autêntico *homo philosophicus*. O modo como se dão essas operações, envolvendo a vontade e a inteligência, é apresentado pela autora, para mostrar como, a partir da “exigência da razão” formulada na expressão “faz-me conhecer a mim mesmo” (CONTALDO, 2011, p. 111), Agostinho, “longe de criar tipologias, descortina as vicissitudes do mundo interior”, compondo um autêntico “memorial da intimidade” (CONTALDO, 2011, p. 113).

Nesse sentido, a autora destaca o fato de que Agostinho “não constrói um sistema fechado, sistemático, enciclopédico”, mas “deixa espaços e vãos para o exercício vivo da confissão” (CONTALDO, 2011, p. 52). Sem dúvida é isso que permite que Confissões possam estabelecer um efetivo diálogo com o leitor ou, mais exatamente, possam “provocar nosso intelecto”, o que a autora entende como “um modo de potencializar a capacidade que o ser humano tem de compreender, problematizar, contra-argumentar com a força da razão” (CONTALDO, 2011, p. 58). Isso configura mais um aspecto do coração inquieto, aquele que exclama, conforme as próprias palavras do filósofo em Sobre a Trindade: “Não me cansarei de procurar, se tiver alguma dúvida, e não me envergonharei de aprender, se cair em algum erro” (CONTALDO, 2011, p. 60-61).

Finalmente, cabe observar um último nível em que os percursos se cruzam: a autora confessa, ela também, em sucinta explicação inicial, que “o texto aqui apresentado resulta de anos de magistério e de pesquisa”, material condensado na forma de livro por ocasião de seu doutoramento (CONTALDO, 2011, p. 23). Mais que a competência, a paixão especial da Profa. Sílvia de Contaldo pelo pensamento de Agostinho, dentre outros autores antigos e medievais, garante que o que se entrega ao leitor não é mesmo um simples estudo, mas um

percurso vivido – um exercício de aproximação ao coração inquieto de Agostinho por outro coração igualmente inquieto.

Espera-se que o leitor, a par do conhecimento que usufruirá da leitura da obra, saia também com sua dose de inquietude.